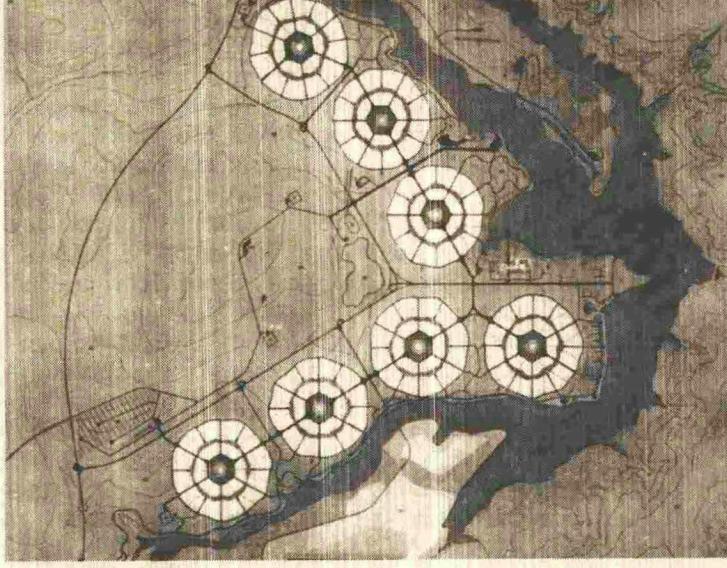
CRIADOR E CRIAÇÃO:
"GESTO PRIMÁRIO"

CAPITAL PLANEJADA

Mais de cinco décadas depois da disputa pelo projeto de Brasília, cidade redescobre seu amor pelo conceito original da capital e a importância do tombamento

Reprodução



SETORIZAÇÃO EXTREMA ESQUECEU DO ESPAÇO PARA A ADMINISTRAÇÃO FEDERAL

HELENA MADER

DA EQUIPE DO CORREIO

Nas palavras de seu criador, Brasília nasceu de um "gesto primário": o traçado de dois eixos cruzando-se em ângulo reto. A simplicidade refinada do desenho convenceu os jurados do concurso público que escolheu o projeto para a nova capital federal. Em 16 de março de 1957, a memória descritiva, com as ideias de Lucio Costa para a futura cidade, era anunciada como vencedora da disputa. A invenção completa 52 anos na semana que vem e as comemorações acontecem em um momento propício: o plano original de Brasília nunca foi tão debatido.

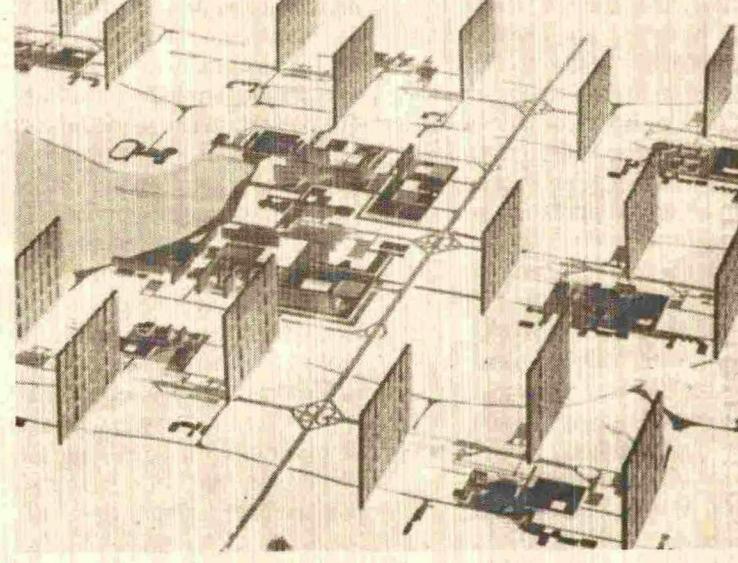
O interesse pelas ideias do arquiteto e urbanista ressurgiu entre os brasilienses após a polêmica em torno da Praça da Soberania — projeto de Oscar Niemeyer para o gramado central da Esplanada dos Ministérios. Sob o argumento de que a construção contrariava o tombamento da cidade e também o plano de Lucio Costa, arquitetos da cidade se insurgiram contra a praça. Diante da "briga boa", Niemeyer desistiu do projeto.

Filha de Lucio Costa, a arquiteta Maria Elisa Costa concorda que o debate serviu para despertar entre os brasilienses o desejo de preservar a cidade. "E também me parece que a discussão fez as pessoas lembrarem que Brasília tem um projeto urbano, feito pelo Dr. Lucio. Talvez a reação signifique que esse projeto original foi assimilado e aprovado pelos moradores da cidade", disse Maria Elisa ao Correio.

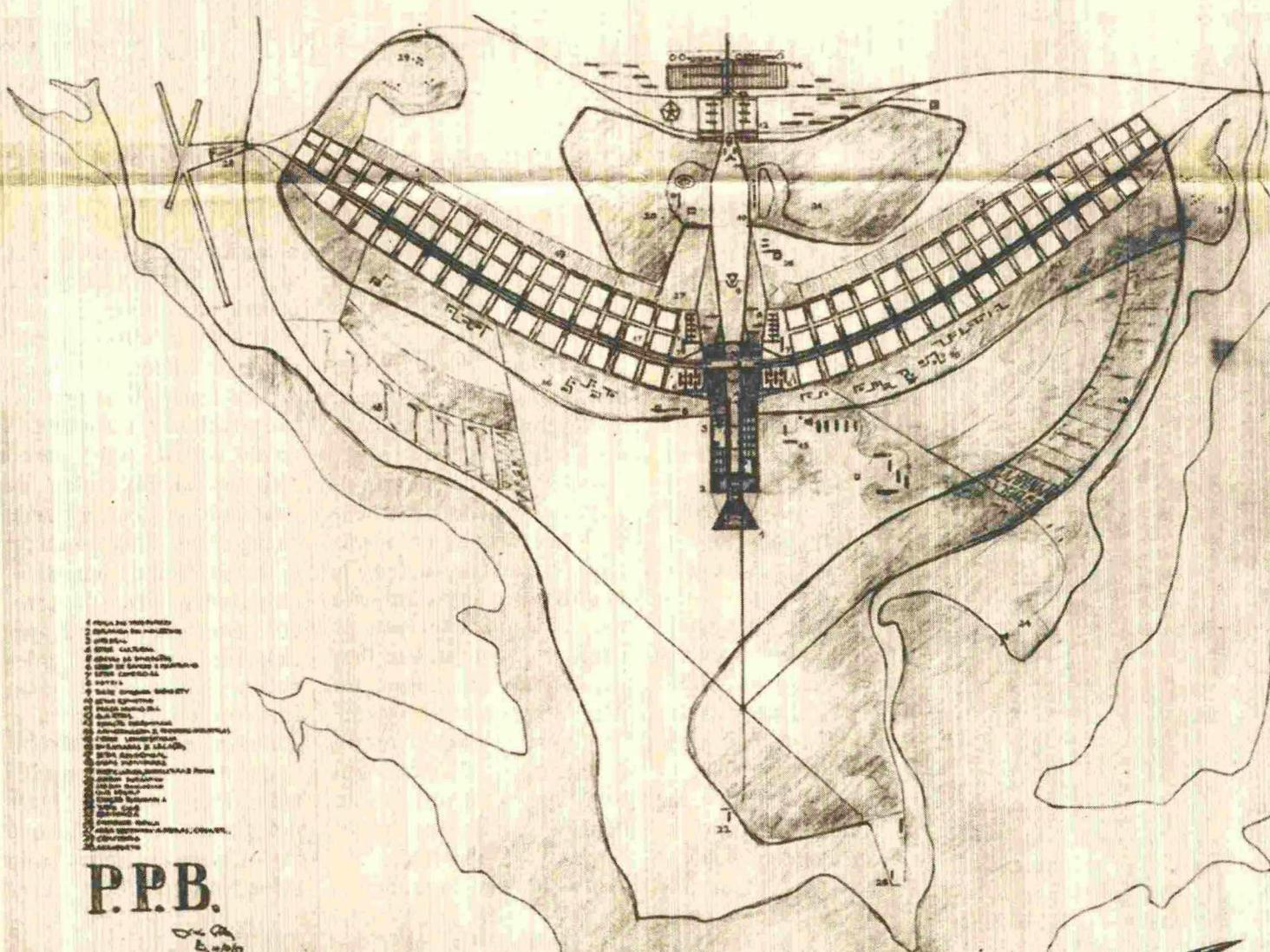
O professor da Universidade de Brasília e diretor do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do DF (Depha), José Carlos Coutinho, comemora o interesse da cidade por seu criador. Ele acredita que a argumentação con-

DOIS EIXOS QUE SE CRUZAM

Fotos: Arquivo Público do DF/Divulgação



RINO LEVI IMAGINOU UMA CONCENTRAÇÃO DE ARRANHA-CÉUS DE 80 ANDARES



PARA O PRÓPRIO LUCIO COSTA, A SOLUÇÃO APRESENTADA "É DE FÁCIL APREENSÃO, POIS SE CARACTERIZA PELA SIMPLICIDADE E CLAREZA DO RISCO ORIGINAL"

trária à construção da Praça da Soberania foi útil para reavivar a consciência dos brasilienses. "Para muita gente, foi uma forma de descobrir o papel de Lucio Costa. A polêmica serviu para destacar a importância do projeto original da cidade e do tombamento", disse José Carlos Coutinho.

Ao todo, 26 projetos foram apresentados durante o concurso público lançado pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), em setembro de 1965. Dez foram desclassificados ini-

cialmente. Outros 16 chegaram às mãos da comissão julgadora. A memória descritiva de Lucio Costa — com desenhos e 23 itens datilografados — foi justamente a última proposta registrada. O urbanista, acompanhado das filhas Maria Elisa e Helena, chegou ao saguão do antigo Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, apenas 15 minutos antes do fim do prazo. "A solução apresentada é de fácil apreensão, pois se caracteriza pela simplicidade e clareza do risco original", argumentou o

autor do projeto catalogado com o número 26.

Criação nativa

No livro autobiográfico *Registro de uma vivência*, Lucio Costa contou que Brasília foi uma "criação original, nativa, brasileira". Mas a inspiração para o traçado da nova capital veio das andanças do arquiteto pelo mundo. Nascido na França em 1902, Lucio morou na Inglaterra e na Suíça. Pouco antes de elaborar o plano de Brasília, ele visitou Nova York e se encantou com as autoestradas e os grandes viadutos dos arredores da cidade. O traçado da nova capital foi de "filiação intelectual francesa", mas tinha elementos dos gramados ingleses, a pureza do interior mineiro e até mesmo referências a terraplenos e pavilhões observados em fotografias da China. O principal ingrediente dessa fórmula, entretanto, era simples: "Estar desarmado de preconceitos e tabus urbanísticos e imbuído da dignidade implícita do programa: inventar a capital definitiva do país".

Todas as propostas inscritas no concurso público foram analisadas por uma comissão que ti-

nha entre os integrantes nomes como Israel Pinheiro, Oscar Niemeyer e o então representante do Instituto dos Arquitetos do Brasil, Paulo Antunes Ribeiro. O júri decidiu premiar o traçado de Lucio Costa. Houve uma única exceção: Antunes Ribeiro apresentou um voto em separado, propondo a elaboração de um novo projeto pelos 10 primeiros colocados.

Mas não havia tempo para mais discussões. Era março de 1957 e a inauguração da nova capital já estava marcada para dali a três curtos anos.

O arquiteto Alberto Xavier, professor das escolas de arquitetura e urbanismo da Faculdade de Belas Artes de São Paulo, publicou em 1962 o livro *Lucio Costa: sobre arquitetura*. Xavier fez uma análise do projeto original de Brasília mas também de todos os concorrentes do concurso público. E conta por que a memória descritiva vencedora era superior. "Lucio foi o único arquiteto que interpretou de modo correto o papel específico e fundamental de uma capital federal", decreta o especialista. "Nenhuma outra proposta deu tanta atenção à distribuição espacial

dos órgãos federais, que no projeto de Lucio Costa se traduz pela Praça dos Três Poderes e pela construção dos ministérios ao longo de um dos eixos.

Dos planos submetidos à comissão julgadora da Novacap, apenas dois, além do desenho vencedor, chegaram a ser cogitados pelo júri. O arquiteto Rino Levi, formado na Itália e com vasta experiência no Brasil, imaginou a capital federal como uma concentração de arranha-céus. A ideia de Rino era construir imensos prédios com cerca de 80 andares, que simbolizassem a expectativa de desenvolvimento do país.

Outra proposta que também recebeu atenção foi a elaborada pelos irmãos Marcelo e Maurício Roberto. Eles trabalharam sobre uma das exigências do edital do concurso: que a capital fosse pensada para uma população de 500 mil pessoas. A partir daí, dividiram a cidade em sete núcleos circulares, cada um com capacidade para abrigar 72 mil moradores.

O objetivo era que cada uma dessas regiões fosse destinada a uma diferente função. Um dos círculos, por exemplo, abrigaria todos os hospitais, a administração da saúde pública e também teria a residência de todos os médicos e enfermeiros. Na região com bancos, morariam os banqueiros, bancários e funcionários do setor. "Esse projeto era de um artificialismo gritante. Para piorar, a parte administrativa federal não estava incluída em nenhum dos sete núcleos", critica o arquiteto Alberto Xavier.

Para o especialista, o grande mérito da invenção de Lucio Costa foi a valorização do espaço verde, propiciada pelo gabarito de seis andares. "O projeto representou a reconquista da natureza e do espaço livre por propiciar a livre circulação, uma visão mais desimpedida e um convívio harmônico", finaliza Alberto Xavier.

As homenagens a Lucio Costa e à sua criação vão se estender além do aniversário do projeto original de Brasília. Apaixonado pela obra do arquiteto e estudioso entusiasta do passado de Brasília, o secretário de Cultura, Silvestre Gorgulho, já reservou o Museu da República entre janeiro e maio do ano que vem. A ideia é fazer uma grande exposição sobre a vida e a obra de Lucio Costa. "Estamos negociando com a Maria Elisa Costa e com a equipe da Casa de Lucio Costa. Nossa objetivo é mostrar documentos que contem a história de Brasília, mas também projetos de Lucio que estão espalhados pelo Brasil", conta Silvestre.